

Porque partido equidistante da Frelimo e Renamo

SALVAÇÃO DO PAÍS ESTÁ NA VITÓRIA ELEITORAL DA FUMO

"Arouca"
Dom. 12/1/92 (1)

— advoga dr. Domingos Arouca, líder da Frente Unida de Moçambique (FUMO), que critica a Constituição por ter "laivos de racismo" e acusa a Frelimo de violar Direitos do Homem

Entrevista conduzida por Daniel Cuambe

DOMINGOS Arouca, advogado moçambicano radicado em Portugal desde 1976, está de malas aviadas e prepara-se para visitar Moçambique durante cerca de vinte dias. O dr. Arouca, trato comum que geralmente é usado quando pessoas a ele se dirigem ou se referem, vai desembarcar em Maputo, primeira semana de Fevereiro próximo, na sua qualidade de fundador e líder da FUMO/PCDRN — Frente Unida de Moçambique/ Partido da Convergência Democrática e Reconstrução Nacional.

Esta figura política inserida nestas andanças há mais de trinta anos, revelou ao enviado do "Domingo" a Lisboa, num jantar na sua residência em Oeiras, arredores da capital portuguesa, que se desloca a estas terras que o viram nascer, em resposta ao convite formulado pelo Presidente Joaquim Chissano, quando da sua última visita a Portugal.

Arouca disse-me que pretende, nesta viagem, tornar pública a actividade da FUMO, debater com os militantes e quadros directivos a data do Congresso, a legalização da formação política e, por último, agendar encontros com governantes nacionais sobre questões logísticas relativas à sua organização.

defendendo a social-democracia... ou se o programa é o mesmo, então eu entendo que o partido deve ser o mesmo. E deve-se juntar ao partido mais forte.

Claro que eu digo hoje que o partido de oposição mais forte é a FUMO. Não há provas disso, mas eu

O presidente da FUMO, segundo conversas informais à margem da entrevista e que me autorizou a fazer uso, vai dar conferências de Imprensa em Maputo, eventualmente participar em comícios e acredita que esta "incursão política vai ser um sucesso".

O dr. Domingos Arouca, ainda no ambiente a que me referi, disse-me estar pronto para concorrer às eleições presidenciais se o "povo assim o manifestar e o meu Partido, e não tenho dúvida que posso ganhar".

As ambições políticas da FUMO, de acordo com o seu líder, incluem a "aglutinação de toda a oposição vigente no país e a sua liderança", através do seu programa, porque, no ponto de vista desta personalidade política moçambicana, o seu partido é o que "já se tornou maioritário no meio de toda a oposição. Está largamente implantado".

Pela noite dentro, o enviado do "Domingo" a Lisboa ouviu Arouca e as suas confissões sobre a arena política, desde o conhecimento profundo que ele diz ter da Frelimo, as conversas com Samora Machel, o apreço e admiração por Chissano, os oito anos de prisão maior nas cadeias coloniais. A sua aversão ao

tes em Maputo criticam as suas congéneres cujos líderes residem no estrangeiro. Diz-se, inclusiva-

mente, que tais forças são de inspiração externa e a sua inserção é nula na sociedade... pode comen-

marxismo-leninismo, as críticas duras e severas à "Frelimo que permitiu que um grupo infiltrado há anos manobrasse os destinos da Frelimo, inculcando a destacados dirigentes ideias importadas da pátria do comunismo".

Arouca permitiu-me simplesmente que eu abordasse para público o que diz respeito à FUMO, seus projectos e caminhada. Ele fala sobre o processo negocial em Roma, das formações políticas emergentes no país.

Sem delongas, eis extractos de quatro horas de conversa com Arouca no seu actual apartamento recém-adquirido, onde pensa poder lá ficar "fazendo minha reforma", caso seja mal sucedido em Maputo.

Arouca gosta da praia que está quase defronte à sua residência. A sua estante reúne publicações nacionais (de Moçambique) e estrangeiras. No emaranhado dos livros distingue-se a Constituição da República de Moçambique. Ele elaborou uma proposta que, segundo o próprio Arouca, decorreu de um pequeno-almoço com Chissano em Lisboa e a pedido do Chefe do Estado.

De seguida, o diálogo com o entrevistado:

tar estas afirmações?

— Essas afirmações não correspondam à realidade. São afirmações feitas na base de uma doutrina embuída não só de racismo em

relação aos países estrangeiros. Racismo que a Frelimo durante os longos anos que dirigiu Moçambique embuiu às populações, principalmente cidadãos que rondam pelos



Domingos Arouca, líder da FUMO/PCDRN. (Foto de Daniel Cuambe)

"DOMINGO" — Senhor doutor Arouca, em Maputo, entre as novas formações políticas emergentes, pelo menos na capital do país, pouco ou quase nada se fala sobre a FUMO, também a Imprensa não se tem referido a este partido. Que é afinal a FUMO?

DOMINGOS AROUCA — A FUMO não é um partido que apareça. A FUMO é o primeiro partido de oposição política à Frelimo porque surge em 1976, antes de qualquer outra formação política. Fui eu quem

Portugal, se o PSD se coligasse com o PS. São as duas maiores formações políticas. Por isso entendi que em Moçambique, mais do que nunca, era necessário neste momento o aparecimento de uma terceira força — força na verdadeira acepção da palavra — não é só uma terceira via. É, sim, e acima de tudo, uma força política para se impor e poder evitar quaisquer desvios e atentados à democracia.

A FUMO representa, hoje, um partido que procura criar um sentido

• Faça uma sondagem e verificara que o partido maioritário da oposição e a FUMO. Não há provas disso, mas eu o digo.

fundou a FUMO, que a liderou depois, deixei de a liderar e de novo voltei a liderá-la. Mas a FUMO surge agora por razões muito especiais. Em primeiro lugar pensamos que qualquer eventual acordo de coligação ou de qualquer outra forma de entendimento entre a Frelimo e a Renamo — se se coligassem isso constituía o fim da democracia em Moçambique. Como aconteceria em

de unidade da oposição não armada.

O que é que isto quer dizer? Quer dizer que a FUMO tem contactos com algumas formações políticas no sentido de se integrarem no seu seio (a FUMO) para constituirem uma única força, oposição política não armada.

Digo isto porque a existência de vários partidos políticos em Moçambique, quase todos eles idênticos e



«O Partido mais forte da oposição em Moçambique é a FUMO» — líder do Partido. (Foto de Daniel Cuambe)

trinta anos, emboimentos de tendências racistas.

Isso não surge por acaso. É que esse racismo foi inoculado ao longo dos dezoito anos da governação frelimista. E não vamos longe: a própria Constituição política aprovada ainda agora no ano passado pela Frelimo apresenta laivos de racismo.

Dou um exemplo: um moçambicano que case com uma mulher estrangeira, a mulher torna-se moçambicana. Mas se uma moçambicana casa com um estrangeiro, o homem não se torna moçambicano.

Por que é que isto acontece? Quando se faz uma disposição legal neste sentido está-se a pensar num homem branco.

Digo isso porque se a mulher moçambicana casasse com um zulu ou um zimbabweano ou zambiano, esse problema não se poria. A Constituição diz isso porque teme que a

mulher moçambicana se case com um branco. O que Moçambique não quer é brancos como moçambicanos. Isso é pura e simplesmente racismo, que o meu partido não perilha, nem eu perillo nesta questão.

Aliás, o facto de estarmos fora do país não significa que estejamos fora do país. É evidente que quando constituímos partidos políticos é para nos radicarmos em Moçambique, mas isso em momento oportuno.

Não tenho dúvida nenhuma e isso fique claro para esses senhores bem falantes, que se eu tivesse continuado em Moçambique teria tido o mesmo destino que teve Joana Simeão, Urias Simango e todos os opositores políticos da Frelimo. Eu asseguro ao senhor jornalista que esses que assim falam não conhecem o que foi a implantação do marxismo-leninismo em Moçambique.

(continua na página 10)

(continuado das centrais) (3)

Eu estou vivo porque estou no estrangeiro.

— Quando o senhor fala em a FUMO absorver toda a oposição não armada em Moçambique, não estará a advogar uma situação de um futuro de unicamente três partidos... A Frelimo, Renamo e a FUMO...?

— A existência de uma multiplicação de partidos implica uma diversificação e divisão de votos, que não beneficia a ninguém, só pode bene-

ficiar os nossos adversários.

Eu entendo que os sociais-democratas devem-se unir em volta de um partido. Se digo a FUMO, é porque desejo que a FUMO, ou melhor, é que neste momento não vejo outra força política social-democrata em Moçambique mais forte que a FUMO.

— Qual a razão para tanto optimismo, senhor Arouca?

— ...Eu devo-lhe dizer que a FUMO está implantada em todos os distritos, está a estender-se até aos postos administrativos e localidades.

Quando falo da liderança da opo-

sição não quero dizer que a FUMC vai comandar a oposição, mas sim pretendo dizer que o programa da FUMO deve ser líder.

Falo isto porque ainda não vi, ainda não li nenhum programa de qualquer outra formação política de oposição. Oíço falar em formações políticas, mas ainda não tive o prazer de ler quaisquer estatutos e programas dessas formações.

— O senhor fala da forte implantação da FUMO e reivindica uma implantação nacional, que é então da Frelimo e Renamo, segundo o seu ponto de vista ou do seu Partido?

— Devo-lhe dizer, caro jornalista, que o povo em Moçambique está completa e totalmente cansado da Renamo e da Frelimo. Farto deles e

das guerras.

O povo quer a paz, a conciliação nacional e tranquilidade e essas condições só podem ser consegui-

das através de uma vitória eleitoral da FUMO. E porquê?

Toda a gente sabe que a Frelimo
(continua na página 11)

(continuado da página 10)

e a Renamo não são dois adversários. São, sim, dois inimigos. Se a Frelimo ganhasse as eleições continuariam os mal-entendidos dentro do país entre a Frelimo e a Renamo. Se a Renamo ganhasse as eleições as desavenças prosseguiriam.

• Eu fui convidado a fazer parte do Governo de Transição por Samora Machel. Recusel-me.

am no país.

Provavelmente perseguições de uns para com os outros.

A salvação do país — e é isto que o povo precisa de entender de uma vez por todas — só está na vitória eleitoral da FUMO. Porque a FUMO não tem ódios, nem zangas, nem contradições e nem tudo contra nada, nem contra a Renamo e nem contra a Frelimo. Estamos equidistantes dos dois.

Exactamente por estarmos de bem com um e com outro a FUMO, se ganhar as eleições, está disposta a ir a todos os partidos moçambicanos buscar os elementos válidos de cada um deles para colaborar na gigantesca tarefa da reconstrução nacional.

O país é de todos, não é do partido que ganhar as eleições. Pelo que todos devem trabalhar para a reconstrução do país. Nós contaremos com elementos não corruptos de cada partido, para trabalhar na tarefa da reconstrução nacional. Será uma espécie de coligação prática. Desde que não estejamos coligados politicamente, mas entendemos que todos devem trabalhar para isso.

Este projecto só é possível para a FUMO porque esta não tem partidos inimigos, nós somos um partido de paz, democrático e lutamos pela conciliação nacional.

O senhor fala em reconstrução nacional. Quanto a si, a que é devida a destruição, a desgraça e miséria que grassam em Moçambique. Comunga da opinião de que é tudo isso fruto da guer-

ra?

— Não, não, nunca. A destruição deve-se ao sistema inadequado marxista-leninista que a Frelimo quis impor ao país. Daqui é que parte tudo o que aconteceu. Isso representou o fracasso da economia.

E eu, digo-lhe sinceramente, isto acontece quando eu já estava farto

de dizer que o Marxismo-Leninismo, nunca, em parte alguma do Mundo, deu provas de ser frutuoso. Levou tempo para se perceber isto. Até na própria Rússia já o detestam. Mas em Moçambique ainda se fala timidamente do socialismo democrático.

O que é, afinal, o socialismo democrático? É o comunismo, é o marxismo-leninismo distarçado. A pessoa ou não é socialista ou é socialista. Todo o resto é conversa. Ontem eram marxistas-leninistas, hoje socialistas democráticos e o que serão amanhã?

— Senhor Arouca, a FUMO existe desde 1976. Disse-me que em 1980 deixou o partido e depois retomou-o. Pode explicar, ou seja, aprofundar este processo?

— Deixei a FUMO em 1980 por razões de saúde. E não era para retomar agora, mas dado verificarem-se esta morosidade nas negociações em Roma — e não sabemos bem o que dali vai sair... e se amanhã dar-se um eventual entendimento entre a Frelimo e a Renamo...

Está a imaginar que uma coligação dos dois beligerantes acabaria com as liberdades democráticas dentro do país. Porquê? Porque a partir daí, já não haveria mais nada. Seria o que eles quisessem.

É neste contexto que eu entendi que um sacrifício me era exigido. E era momento de voltar a encabeçar a FUMO.

— Quando o senhor deixa a liderança da FUMO, quem fica a

substituí-lo?

— Foi o senhor doutor João Khan. Ele é natural de Tete e é advogado aqui em Portugal. Ele é quem tomou

altura serão tornados públicos.

— O senhor insiste que a FUMO é a alternativa à Frelimo?

— Sim, considero.

por uma economia de mercado séria, firme e não titubeante, porque repare, a Constituição política que a Frelimo aprovou agora preconiza a



Foto de Daniel Cuambe

as rédeas do Partido e prosseguiu até mais ou menos agora.

— Onde fica localizada a sede da FUMO?

— A sede da FUMO fica em Maputo.

— Existem lá quadros dirigentes da FUMO?

— Existem.

— Está a actuar na clandestinidade?

— Estão na semiclandestinidade. Mas isso até à minha ida a Moçambique. Em Fevereiro vou lá. Nessa

— Vocês têm um programa alternativo ao da Frelimo?

— Sem dúvida.

— Pode mencionar alguns aspectos fundamentais, ou seja, estabelecer as diferenças; por exemplo em relação à economia. Depois que a Frelimo, em razão de circunstâncias geopolíticas e estratégicas aderiu à economia de mercado, que faria a FUMO, em contrapartida?

— Aí a FUMO não tem nenhuma variante, porque ela sempre lutou

economia de mercado, por um lado, mas por outro, diz que, a terra, sendo uma fonte de criação de riqueza e mais isto e mais aquilo, é propriedade do Estado. Não pode ser vendida, nem alienada nem hipotecada e tudo isso, isto é ridículo.

A terra é, sim senhor, a fonte de criação de riqueza, na Inglaterra, no Canadá, nos Estados Unidos onde pode ser vendida, hipotecada, não é fonte de criação de riqueza? O único país a contradizer a universalidade deste princípio é Moçambique.

E digo-lhe mais, esses países são prósperos. E em Moçambique onde se diz que há guerra, a fonte de criação de riqueza não pode ser vendida. Por isso Moçambique está na miséria.

— Mas o senhor Arouca já teve acesso à lei da terra?

— Eu não tenho a lei da terra, mas sim a Constituição política.

E digo-lhe mais, no artigo 46 (eu conheço a Constituição de Moçambique de cor)...

— Que diz então sobre os títulos de propriedade que o Governo tem estado a passar aos interessados?

— ...O Governo da Frelimo não tem nada que passar e nem pode passar nenhum título de propriedade pela simples razão de que a Constituição diz que a terra é do Estado. Se a terra é do Estado não pode ser dada a ninguém.

O que o Governo da Frelimo pode fazer, quando muito, é passar títulos de usufruição. Títulos de uso. Não tem nada que dar a propriedade porque esta é do Estado. Os títulos de propriedade para mim são institucionais.

Qual a variante da FUMO, quanto ao artigo 46?

— É de que a terra, tanto quanto outros bens, são de livre transacção e é assim na economia de mercado. Aliás, esta coisa de dizer que a terra é propriedade do Estado, isso tem uma raiz comunista.

Se a Frelimo diz que mudou também tem que mudar aí. Dizer que mudou a Frelimo, quando continua a dizer que a propriedade da terra é do Estado isso é limitar a economia de mercado, num bem que é fundamental.



Foto de Daniel Cuambe